

GUARDA•CHUVA

ESTE É
UM LIVRO
SOBRE

AMOR

Paula Gicovate



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Copyright © Paula Gicovate 2014

Capa e projeto gráfico: Alice Galeffi

Produção editorial e preparação: Luiza Vilela

Revisão: Sofia Soter

Direitos exclusivos de publicação reservados à:

EDITORA GUARDA-CHUVA LTDA.

Rua Jardim Botânico, 674/315

Rio de Janeiro – RJ

www.editoraguardachuva.com.br

As ilustrações deste livro são colagens resultantes da transformação da obra original de Ernst Hackwell.

Paula Gicovate

ESTE É
UM LIVRO
SOBRE
AMOR

GUARDA•CHUVA

1ª edição
Rio de Janeiro
2014

Para o primeiro, para os que quebraram meu coração, os que mostraram as músicas e os livros, para quem eu escrevi milhares de palavras em segredo, para o que me colocou no mundo, para o que me ensinou sobre a vida, para o primeiro leitor, para os que vieram antes, para os que virão depois.
Este livro é para você.

“Por isso mesmo escrevo este livro. Sou do tipo de pessoa incapaz de entender bem alguma coisa, seja lá o que for, se não a puser por inteiro no papel”.

Haruki Murakami, *Norwegian Wood*

<< SUMÁRIO >>

{ **Ella** }

L. (aquele que poderia ter sido)

B. (aquele que não falava)

{ **Ella** }

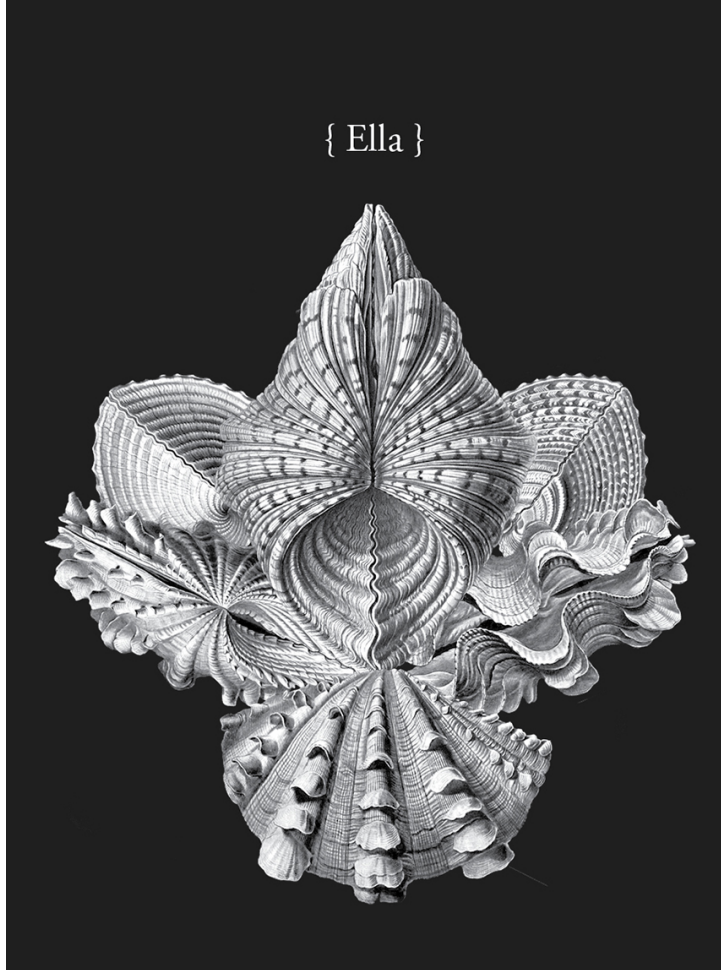
I. (aquele que nunca me perdoou)

E. (aquele que me prendeu no castelo)

{ **Ella** }

>> }} * {{ <<

{ Ella }



Ele disse que, ao contrário do que eu pensava, eu nunca seria mulher de um homem só. Nunca de um homem só. (Nem dele.)

AQUELE
QUE
PODE-
RIA
TER
SIDO

L.

Olhou para mim, olhei para o lado. Como descobriria depois, odeio ser encarada. Detesto que me olhem nos olhos, embora fale com as pessoas como se pudesse enxergá-las por dentro. Ele me olhou, tirou a franja do meu rosto com a mão, pediu desculpas por isso, mas disse que estava dando agonia me ver pela metade. Perguntou por que eu bebia cachaça, e falei que era porque eu gostava. Ele disse que isso bastava e pediu uma também. Não lembrava meu nome, disse. Mas não havia perguntado. Quis saber quantos anos eu tinha e me interrompeu antes que eu respondesse. Perguntou se eu morava perto e descobriu que sim, moro a duas ruas do seu hotel. Viu o prato que eu pedi chegar e a minha primeira garfada nervosa, morta de fome depois de um dia inteiro. Olhou nos meus olhos e disse que achava incrível jantar com uma mulher que suspirava enquanto comia. Enquanto é comida também, pensei.

Depois que você fosse embora, e me deixasse com a droga deste pacote completo, de olhares e desculpas banais, por encostar em você em qualquer lugar, e o tesão absoluto e a vontade de te morder, te prender com as pernas e falar baixinho que se você deixasse eu invadiria sua vida, você sorriria pra mim com essa cara de lenhador de história infantil, meio ogro, meio príncipe, e iria embora, levando um pedaço do meu coração em cada mão. Quando chegasse lá, me escreveria uma carta dizendo: por favor, *chérie*, não se apaixone por mim. E é apenas por isso que às vezes eu fico em silêncio.

Nesse ínterim ele veio. E disse que trocou de estado para me ver, que deixou o livro para me ver, que pegou um avião lotado para me ver, sem me perguntar o que eu estaria deixando para trás para vê-lo. Não muita coisa, na verdade, mas me incomodou um pouco o fato dele se vangloriar tanto por ter vindo. Isso é sinal de que eu merecia de alguma forma? Na verdade o que eu quero é que ele me admire, que goste do que escrevo, ao invés de ser mais uma “bonitinha” que valha a pena uma trepada interestadual. Não sei. Sei que ele veio e não mudou muita coisa por aqui. Foi embora em um outro avião lotado e eu que me virasse com o que tivesse sobrado para mim, além de garrafas vazias, cigarros e papéis escritos e amassados pelos quartos da casa. *Writer's bullshit*, e é o que me toca, não preciso falar de novo a espécie de clichê no qual me enquadro.

No clichê que você me aprisionou.

É sábado de manhã e eu acabei de tomar o café. A vizinha faz barulhos como sempre, a casa precisa de cortinas, pratos limpos e definitivamente não precisa de barulho. Sábado de manhã é o único momento em que eu consigo ver a luz sépia que entra pela janela da sala e eu não quero nada além disso. É sábado e eu posso escutar música sem os fones, e coloco Billie para cantar “Blue Moon”, porque me disseram que hoje vai aparecer no céu a maior lua dos últimos 20 anos. É sábado e eu finalmente tenho tempo para pensar em como seria. Nós dois juntos. Porque me permito a saliência de criar uma vida à distância e vejo você acordando cedo para correr e me deixando na cama, e depois me acordando pra visitar seus pais, e me levando na feirinha daquela rua e para aquele restaurante polonês *all you can eat*. Me deixará sozinha à noite para escrever enquanto eu já teria alguns amigos na cidade e sairia para dançar. Meu livro acontecendo aos poucos e você fazendo cara de surpreso por eu de fato ter algumas leitoras queridas que consideram alguma coisa nesta literatura menor que é falar de si mesma enquanto você não entende o quanto de material você me dá e o quanto este nosso colchão jogado no chão do quarto parece mais ficcional do que qualquer história inventada. Não seríamos felizes. Eu teria me apaixonado por você de novo (como da primeira vez, dois anos atrás), um homem que não sabe amar, mas que merece um afago por ter tentado, e eu amaldiçoando seu passado, que amaldiçoou a você mesmo no dia em que ela te deixou. E eu voltaria pra cá, e me mudaria para a mesma casa onde estou agora, feliz pelo sépia que entra pela janela da sala, escrevendo sobre os anos que vivemos juntos, e sobre como é estar sozinha e não procurar um novo amor. De vez em quando você sai com seus amigos e com uns tragos a mais contempla a possibilidade de vir aqui e me levar de volta sem lembrar que um ano se passou e que você nunca vai conseguir de fato me amar, apesar de sentir falta do peso que eu fazia em cima de você e do formato dos meus peitos, além da paciência, do amor desesperado e das teclas de computador soando nos dois

lados da casa. Te escrevo esta carta para dizer que eu sempre tive certeza que me curaria, porque desde o momento em que eu entrei naquele avião eu sabia que voltaria, eu sabia que ia te deixar, e sabia que havia uma linha que você não cruzaria nunca. Mas te espero, para sentarmos em um bar, civilizadamente, entre nossos milhares de amigos em comum. E aí eu roçaria meu rosto na sua barba, e seríamos amigos, e você conheceria um homem que me ama com a devoção de um filhote, e voltaria para casa questionando todo o amor que poderíamos ter vivido. Mas não viveríamos jamais. Porque as coisas são como devem ser. Simples assim.

“Certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos”.

Estava sentado na cama de frente para mim, segurava a minha mão, beijava as pontas dos meus dedos, depois meu braço, depois atrás das minhas orelhas, depois minha testa e depois os meus olhos. Me levantou da cama, me levou até a sala, acendeu duas velas, puxou a cadeira para que eu sentasse. Fechou meus olhos, beijou meu pescoço, pediu para que eu continuasse daquele jeito. Saiu por um instante, voltou, abriu meus olhos, mostrou a bandeja. Jantou meu coração quente com um pouco de vinho. E não me ofereceu nenhum pedaço.

De todas as doenças, neuroses, erros constantes e defeitos nojentos que eu tenho, você é o que mais me preocupa. Me preocupa o efeito que me causa a distância, o tanto que eu consigo fingir (“tá tudo bem, tá tudo bem, eu nunca gostei de você mesmo”), mesmo vendo seu jeito, sua insegurança, mesmo acreditando plenamente que se passaram dois ou três minutos antes que você decidisse que não se apaixonaria por mim (essa ideia tem sido uma dúvida). Porque eu sei que foi. E aí de três em três meses você aparece, roça a barba que eu tanto gosto no meu pescoço, destila meia dúzia de pensamentos clichês que fazem sentido, depois fica em silêncio para me ouvir falar, me abraça por trás e vai embora feito um fantasma dizendo de novo: “Baby, não se apaixone por mim”. E de longe a gente tem uma vida comum, e eu te vejo em todas as palavras que eu escrevo, em todos os discos que eu escuto, na droga de um cartão amarelado dizendo “obrigado, querida” me agradecendo por nada, e que eu nunca tive coragem de jogar fora. De todas as minhas neuroses, problemas, defeitos, doenças, você é o que mais me dá nojo. Você liga e pergunta se as coisas vão bem e eu te escondo a felicidade física ao ouvir sua voz, para que em algum lugar você acredite que eu sempre vou estar livre, muito embora eu não esteja. E a vida vai bem. Do lado de cá eu te proíbo em silêncio de se envolver com qualquer pessoa, amaldiçoando você e este seu coração quebrado em pedaços. Eu preciso que você continue sozinho. Preciso que continue sozinho por mim. Enquanto isso você aparece de vez em quando, enquanto eu finjo que está tudo bem tentando esconder meu ciúme de gente doente, de pessoas que eu nem conheço. E aí você finge não se interessar por mim, mesmo que neste momento esteja com uma mão enroscada nos meus cabelos, soprando no meu ouvido que eu sou uma garota boba e eu penso que sou boba porque insisto em vir aqui e escrever sobre você. Mesmo que você continue lendo. E que continue vindo, e que continue vindo, e que continue vindo. E que, no final de tudo, a gente seja a história de amor mais bem sucedida da minha vida.

Nas minhas fantasias, a gente morava em um desenho no seu caderno, em uma casa com deque e vista para o mar, e eu escrevia e ouvia as minhas músicas estranhas (que só você gosta) enquanto você voltava correndo, com os dedos murchos de horas no mar, para me dizer que havia baleias. Haveria baleias para sempre, e eu mergulharia na sua barba para sentir o cheiro de sal, e lamperia seu torso para sentir gosto de sal, e deitaria ao seu lado na cama para comer seu sal. Nas minhas fantasias um dia você se cansaria daqueles dias, mas não se cansaria do mar. Voltaria para a cidade e me levaria junto e, assim, sentaríamos com amigos, seus amigos e agora meus, e eu beberia demais, como faço uma vez por mês, e ao chegar em casa gostaria de trepar o melhor sexo da sua vida, porque na minha fantasia eu estaria sempre fazendo o melhor, e tentando de forma doída fazer com que você olhasse para mim. Você me tiraria daqui depois que um dia eu te dissesse que você seria a única pessoa que me roubaria do meu mundo perfeito de casa silenciosa em um bairro na cidade que eu escolhi. E eu te diria: “Ainda bem que você não quis, porque você seria a única pessoa no mundo que me roubaria, que foderia meu mundo, que me levaria pra outra cidade, outra casa, outro caos. Um caos maior que o meu”. E então você se convenceria. Mas, na minha fantasia, um dia esta minha vida de equilibrista, de tentar fazer você se apaixonar por mim todos os dias, iria minguar. E eu iria querer ser amada de volta com a intensidade que você nunca me amou, e assim te deixaria, porque doeria demais ver que o tempo passaria enquanto eu seria engolida pelos seus silêncios, que, depois de ocupar nossa casa inteira, me colocariam para fora por falta de espaço. Você foi o grande amor que eu não tive, a grande paixão que eu nunca vivi, a fuga da cidade que nunca aconteceu, as palavras que eu escrevi tantas vezes durante a noite, minha mão embaixo do lençol de olhos fechados sussurrando seu nome, minha esperança e minha desgraça. Você é meu amor eterno, o que vai durar para sempre, porque não me quis quando, timidamente (mas o suficiente para te fazer entender), eu te ofereci meu mundo. E obrigada por isso. Não ter querido me salvou a vida. E te fez meu amor impossível, daqueles que duram para sempre.

AQUELE
QUE
NÃO
FALA-
VA

B.

Não adianta chorar alto, gritar, dizer que é só seu, e que eu me recuso a ficar com outros caras, dar pra outros caras, não adianta sair e beber e ouvir música triste, um samba cafona talvez, cafona como eu, porque não vai adiantar nada. Nada.

Não adianta mentir e olhar para um outro cara e prometer a ele, sem que ele saiba, que eu sou plenamente capaz de amá-lo, porque essa sou eu, oras, e eu sou plenamente capaz de amar outras pessoas, porque você sabe, nós dois sabemos, eu não sei mentir.

Então me recolho no canto, com esta dor que é só minha, e que ninguém toque nela, ela que, quando quer, às vezes fede a gim tônica barata, ou a vinho caro, ou a nada, e que soa como Nina Simone aos berros, ou como Reginaldo Rossi, e que tem vida, tem forma, tem cara.

Eu deixei que ela chegasse hoje.

Que ela tenha seu tempo, me vire ao avesso, me seque, me expurgue, me embale, me cure.

E que aí sim eu possa acreditar em outras coisas.

Mas que primeiro ela chegue.

Desço os seis centímetros de salto que são suficientes para me colocar de novo no chão. O único saldo da noite é um vestido novo manchado de vinho.

Estou bonita que é um desperdício, estou bonita e isso não serve pra nada.

Fim de festa e a gente vai cambaleando até uma outra festa na mesma rua. Esfrego o rosto no melhor amigo, que vai embora, pedindo pelo amor de Deus para ele ficar.

O peso do corpo no salto, o peso do corpo no ombro alheio, o peso do corpo. Até o fim daquela rua, da rua que é dele, da rua que eu entrei e saí tantas vezes, sorriso de apaixonada no rosto — o quanto eu te amei, meu Deus, o quanto eu te amei.

Alguns cigarros na janela de onde eu vejo o seu prédio.

Dos cigarros que você me proibia ali, no seu apartamento tão branco, tão intocável, onde eu não deixei sequer uma marca.

No dia em que eu te deixei eu não deixei absolutamente nada que eu tivesse que buscar depois.

Além do meu orgulho próprio e da nostalgia de enfim perceber que a saudade que eu sinto é do amor que você não me deu.

Eu hoje me senti tão só, tão só,
TÃO só
Que a solidão se tornou palpável.

Ele confessa seu erro depois de muitas doses de whisky, “baby, desculpa, fui eu que bebi demais”, num prédio em Ipanema, enquanto no Flamengo um outro acorda já chorando e amaldiçoando a filha da puta que ontem, apenas um mês depois de ter tirado as coisas da casa dele, se pegava com um protótipo de lutador de jiu-jitsu em uma boate na Barra. Aqui em Copacabana, onde somos todos exageradamente solitários e malucos, cada um à sua maneira, eu espero o café ficar pronto, completamente entediada por apenas esperar, esperar e esperar que um dia ele ligue finalmente dizendo que não me ama mais.

Te escrevo para dizer que hoje estive a exatos 10 passos de correr e te bater na cara e te mostrar o quanto eu estava bonita com o meu vestido novo e o meu cabelo cortado. Que você não viu... que talvez não vá ver, porque este quadrilátero neste mesmo bairro, *lover*, está proibido. E existe uma força, uma força enorme que me impede de fazer isso, quer saber o que é? Meninas bonitas que te dão menos trabalho. Eu dou muito trabalho, não é? Mas uma coisa você tem que assumir, *lover*. Eu te dei o maior amor do mundo também. Não dei?

Vejo você nos livros, nos discos e em tudo o que ficou em mim. Sempre fica, e a sua parte cabe na mancha roxa do meu joelho batido uma vez na sua cama, nos barulhos que eu faço quando piso no chão e no postal amarelado no fundo da gaveta. Hoje eu te liguei (fazia tanto tempo) pra dizer que eu sofri muito, mas que agora eu desejo o inverso, eu te desejo amor, amor e paz de espírito. E quando você diz, com dois anos de atraso, que foi dolorido também, o coração aquece e eu sei que fizemos a escolha certa. Somos incompatíveis por sermos iguais. Nunca seríamos felizes juntos. Somos pesados demais para isso, e nos amávamos com o mesmo peso. E aí eu te liguei, porque precisava saber, e te ouvi leve, ouvi dela, te contei dele, e senti saudade. Depois te desejei boa noite, e pedi para que ela te amasse com a mesma intensidade com que você nunca me amou.

{ Ella }



Foi hoje pela manhã, enquanto eu chorava compulsivamente trancada na minha salinha. Ligava pra ela quase todo dia às 10 horas da manhã. Quando eu morava lá, muitas vezes as pessoas diziam que eu nunca ia conseguir sair daquela cidade por causa dela e, quando eu saí, falaram que eu finalmente tinha cortado o cordão umbilical. Mal sabem eles que eu falo com ela todos os dias às 10h da manhã, quando não algumas outras vezes.

Mas a questão aqui não é ela, é o que ela disse, ou melhor, repetiu, de noite pra mim. Dessa vez de forma escrita. Ela disse: Você tem que escrever, tem que escrever, tem que escrever.

Será que sabe que eu escrevo agora? Muitos dias depois do meu último texto, travei, não consegui, e mais uma vez eu só consigo porque alguma coisa em mim começou a gritar.

Na verdade, pra fugir dos gritos dos outros, e dos meus próprios, eu me fecho aqui, no único canto que é meu, e soletro minhas dores porque é assim que vai embora, sempre foi, você sabe.

E aí eu me apoio no travesseiro grande que ele deixou e entre uma fungada e outra (reminiscência de choro recente. Ref: “Duração média do choro, três minutos.”, Cortázar) começo a destilar minha literatura confessional.

Não briga, eu já te falei, eu sou assim mesmo, eu até invento ficção, mas ninguém percebe. Na verdade ninguém vê, porque tudo o que eu invento é real, tudo o que eu invento se torna real, então eu não sei mais o que sou eu e o que é palavra.

O que importa é que eu me lembre que tudo o que eu posso fazer é escrever. Não importa como, tudo o que eu posso fazer é escrever.

“Devagar, escreva”, e depois escreva mais; e quando o papel acabar escreva nas paredes, escreva no quarto, no banheiro, na cozinha; e quando a tinta acabar fure seus dedos e escreva com sangue, até que o sangue se misture com a tinta, e depois escreva com as mãos, dedilhando palavras invisíveis que ainda assim serão palavras, e escreva, e continue escrevendo, até descer para a rua e escrever nos muros do bairro, com tinta, sangue, mãos, pela rua abaixo, pela cidade inteira, nas areias, nos prédios, no chão. Mas escreva e, quando a mão cansar, se cansar, grite, solete palavras, cante frases inteiras, até falar cada vez mais alto, até ficar rouca, até perder a voz, até que o resto de barulho se misture com a tinta, com o sangue, com as marcas da sua mão, até que a cidade inteira esteja coberta, e que dentro de você não exista mais nada. Até que não te sobre nenhuma palavra para ser escrita.

(Resolução de meio do ano)

Amar até que o amor (não) acabe, se transforme.

Escrever até que a tinta seque

A boca seque

O peito seque

A vida segue.

Semana passada meu gastroenterologista pediu para que eu escrevesse um “diário do meu estômago”. Tenho medo de que o diário do estômago seja melhor do que tudo que eu já escrevi.

Hoje eu descobri que o polvo tem três corações.
Eu sou polvo. Sempre disse isso.
Pernas e braços espalhados pela cama e pelo moço.
Sou polvo.
Está provado.
Ainda mais com três corações...
Mas descobri também que polvo vive seis meses.
E viver apenas seis meses é problema de quem tem coração demais.

Hoje de manhã cheguei à conclusão que o que me mais causa gastrite é engolir sapos. E para esses bichos ainda não inventaram remédios.

Nos trinta segundos que antecedem a terapia eu resolvo pintar as unhas de preto de qualquer jeito. Fica feio, óbvio, ainda mais para alguém como eu, que carrega na cabeça o estigma caprikarmiano de tentar ser o mais perfeita possível. Com as unhas pintadas de preto, meto as mãos dentro da bolsa para procurar a chave de casa e me questiono se ela não vai ficar cheia de farelos e coisas que antes seriam tabaco. Me questiono para quê e para quem eu fiz isso. Para ele que agora olha placidamente o jornal, apenas questionando a hora, e não o esmalte; para meu terapeuta, a quem eu vou ter que dizer o que eu fiz no momento em que eu tirar os sapatos, como sempre faço, e ele ver que, ao contrário dos pés meticulosamente vermelhos, me sobra esmalte preto pelas bordas das unhas; ou pra você, que é para quem eu conto sobre as bordas, o que me escapa as tampas, o tudo que transborda. Eu sou teatral, tenho lua em leão e hoje engoliria os homens se a garganta não doesse. Mas, em vez disso, troco confidências com amigos de verdade dizendo que olhar para o lado é se sentir viva. Mesmo não tendo coragem de levantar o queixo para cima. Esta semana não fizemos sexo. Ele voltou tarde todos os dias do escritório, teve enxaqueca e disse que, mesmo que quisesse, não conseguiria me comer de tanta dor. Ontem eu fiquei doente, com febre e uma dor de garganta que me custou três dias de silêncio. O terceiro foi hoje. Eu fiquei em casa ruminando as minhas dores e as dores dele, e se ele não vinha porque não queria ou se era realmente verdade. A moça se joga do prédio da frente com os pulsos cortados, eu suspiro de tédio às 18h e, dramática que sou, com lua em leão, pergunto se ainda somos um casal legal depois de algum tempo de casamento. Ele rosna algo e eu apoio, depois suspiro profundamente com uma coisa qualquer que leio no computador e ele pergunta se eu tenho tomado minha medicação. Brigamos. Eu tenho certeza que ele fala de outras pílulas enquanto se diz inocente me chamando de louca, dizendo que só queria saber se estava tratando a garganta e o estômago. Não concordo. A garganta dói porque

ontem fiquei de peitos de fora encarando a janela enquanto ele ainda sentia dor. Acordo, trabalho, me entedio, a garganta piora, o pânico não, e eu chego ao consultório do meu médico questionando que tipo de problema essas pessoas da sala de espera têm, enquanto o meu agora é saber como me curar para sempre do pânico, pagar o cara que me curou disso, e contar pra ele que meus maiores problemas hoje são a dor de garganta, os questionamentos sobre um cara, a enxaqueca dele e a dificuldade de tirar esse esmalte preto das minhas unhas no dia seguinte de manhã.

A madrugada passa e eu fumo cigarros imaginários remoendo dores antigas
com um novo tipo de chá.

Doutor, tenho gastrite. De café expresso, de não “não dito”. Postergo o *briefing*, mexendo no cabelo e escrevendo palavras que vou deletar depois. Enumero coisas para a terapia. Quero contar pra ele que me sinto mais forte, mais fraca, mais forte, mais fraca, mais forte, mais forte. É assim?

Quis aumentar minha dose, disse que não precisava, que eu ia entrar na yoga, dei meus textos para que ele visse, pra ver se ajudava, contei que achava que ninguém mais queria ler, porque se antes eu escrevia exclusivamente e obsessivamente sobre o amor, agora eu escrevia sobre o quê? Sobre sobrevivência? Sobre vivência.

Fui à praia depois de anos. Nariz vermelho, cabelo claro, cara de saudável, doutor, porque eu estou. Esse sábado me tatuo, te contei? Escrevo *Breathe* no pulso, para não esquecer de respirar.

Hoje me peguei dizendo a uma cliente, depois de uma reunião, que “a gente se leva a sério demais, se cobra demais, e se desgasta demais por causa de tudo.” Eu disse isso e ter dito significa que alguma coisa está mudando por essas bandas.

Tive sonhos estranhos, acordei pensando em uma dose maior, o menino se assustou (essa coisa de lidar com uma mulher com uma questão é nova pra ele, e ele tem cumprido com a disciplina de um *sensei*, mas pedir que ele entenda tudo, quando nem eu entendo, é pedir demais). Saí de casa pra trabalhar e me senti uma super mulher. Diminui a dose doutor, eu juro que não é insegurança, talvez seja vida normal, talvez seja assim que tem que ser, fraqueza e força, alternadas, mas o foco no bem, no que vai dar certo, porque sempre dá.

E o maior erro das pessoas é achar que não.

Enquanto eu mesma sou um exemplo de que até os momentos mais difíceis geram algo de bonito depois. E que antes do fim dá tudo certo. Antes do fim a gente aprende a viver melhor, mesmo que na marra.

Sistema Nise da Silveira de salvação através da literatura.

Hoje, enquanto passava pelo túnel escuro a caminho do trabalho, beijei o estranho que estava ao meu lado.

Nota para um descarrego:

No dia em que o deixar, arrume uma mala grande

Coloque as camisas, as bermudas, as cuecas, (aquela camisa que você dormia.
É. Essa também)

Os livros, os filmes, a lembrança daquele dia na praia, as fotos, a voz dele ao telefone, os sapatos que ficaram,

O cafuné, a música que ele cantava no chuveiro, os dvds alugados, a sopa que ele gostava, a cor dos olhos dele.

Jogue as jabuticabas fora, jogue os vinis fora, jogue o cheiro fora, jogue os lençóis fora, jogue o computador fora, jogue o porta-retratos fora, o vinho fora, aquele seu vestido azul fora, suas calcinhas,

Seu pijama,

Seu chá de boa noite,

Sua homeopatia pra dormir,

Aquele chocolate que ele trouxe,

As cartas,

Jogue fora as cartas.

Não, melhor,

Queime.

Queime todas as cartas.

Jogue o celular no mar,

Volte para casa,

Tome um banho de sal grosso,

Passe óleo de lavanda pelo corpo,

Respire fundo três vezes.

Comece tudo de novo.

Se toda mulher tem mesmo que ter alguma coisa de triste, talvez hoje eu esteja bonita.

Às vezes tudo o que uma mocinha precisa é de um elogio bonito e de um bom tapa na bunda.

A gastrite voltou a doer. Quem escreve já nasce estragado.

Por causa de misteriosas faltas de

ar no

meio

do dia o médico me pediu um eletrocardiograma. Tal foi a surpresa do próprio

ao constatar que lá dentro não havia

nada.

Ele grita comigo. Mais um copo quebrado na cozinha. Ando por cima dos cacos, junto os cacos, sento e escrevo como seria a vida com L. Volto para a cama, ele lambe o sangue que escorre dos meus pés e eu entendo que ninguém vai amar minhas cicatrizes como ele. E isso é amor. Só isso é amor.

Você ainda não sabe, mas o que me cura é sua língua na minha orelha, algumas baixarias ao pé do ouvido, sua mão na minha bunda e as palavras em seu devido lugar.

AQUELE
QUE
NUNCA
ME PER-
DOOU

I.

End is forever, ela tatuou na base das costas e, depois que terminou com ele, quis tirar. Eu, que sou contra cobrir qualquer tipo de erro, principalmente os da pele (e digo com a propriedade de quem fez a primeira tatuagem aos 15 anos em uma Kombi), pedi que ela deixasse, porque de repente ela mesma acabava acreditando e, sendo tão próxima de mim, talvez me fizesse acreditar também.

End is not forever, baby. Eu coleciono meus fantasmas como as roupas que guardo no armário com medo de desaparegar. Como eu te disse, essas coisas não se tiram, não se apagam e nem se cobrem, então deixa essa tatuagem aí, porque, mesmo quando se cobre, o que vai por baixo sempre fica, o que foi escrito sempre fica, o que foi vivido sempre fica, o resto do cheiro sempre fica, o arrepio na pele sempre fica, todos eles sempre ficam. Todos eles ficam. Vive esse seu amor até o fim, sente ele chegando em uma tarde de sexta, soprando no seu ouvido como um espírito velho, ouve o som das suas correntes, mas esgota o passado em letras, nos seus desenhos sem sentido, nos seus gritos, nos seus mergulhos no mar.

O ex-amor é uma baleia enorme, que não some, e que te aparece quando as coisas estão na melhor configuração possível.

Mesmo que não te ameace o novo, escreva uma longa carta, crie uma simpatia qualquer, coloque em uma garrafa, vá a um centro espírita ou, simplesmente, um dia de manhã, mande um e-mail pra ele, com toda sinceridade de um amor que não frequenta mais a sua casa, mas ainda mora no seu peito.

Escreve em CAPS, letras garrafais e negrito:

EU TE AMO.

E assim você vai estar livre para amar de novo quem quer que venha depois.

E ele que entenda como quiser.

O importante é que o amor só te deixa depois que ele entende que.

Primeiro fui eu. Não, primeiro era uma menina na escola, que gostava de pintar com lápis de cera e passar as mãos pelos cabelos. Depois foi qualquer uma. Aí ele veio para o Rio, tomou forma, fumou meu cigarro pela metade em uma festinha da faculdade, reparou nos meus cabelos e lembrou da menina do lápis de cera da pré-escola — estávamos sentados em círculo e eu dei um presente imaginário para ele. Chamei para tomar um café. Ele tomou chocolate. Paguei a conta, dividimos um cigarro, vimos *Star Wars*, ele me beijou em frente de casa e, depois de ler meus textos, ficamos juntos por quatro anos. No início ele me lia, achava bonito, e aí os anos foram passando, e eu comecei a escrever outros assuntos. O menino parou de ler, ficou amedrontado por não saber pra onde iam meus textos, e por fim abandonou meus papéis. Dormíamos juntos todos os dias, mas aquelas palavras ficavam no meio. Um dia, o menino não conseguiu mais, e eu acabei me apaixonando por uma folha em branco que cruzou o meu destino em um show de rock. Não nos vemos mais, eu e o menino, mas esses dias conheci seu novo objeto de desejo. Cabelos lisos e loiros, como os meus, como os da menina do giz de cera da pré-escola. Ao invés de escrever, a menina pinta, e de vez em quando pinga uma palavra lá e cá. Sei que é talentosa, pois meu menino se apaixona por coxas grossas e arte, e respeito quem quer que seja, desde que saiba a responsabilidade de ter preenchido o vazio que ficou daquela história, daquele cigarro dividido, daqueles quatro anos de amor e agonia. Das palavras que deixei. Minha folha em branco se transformou em um amor eterno e, por mais que seja difícil, nunca deixou der ler o que eu escrevo. Meu novo amor escreveu no meu peito nosso destino, me colocou uma aliança imaginária no dedo e não sabe, mas diariamente eu penso em casar. Não sei exatamente a quem eu faço meu novo amor lembrar, mas sei que antes de mim vieram outras, que talvez pintassem ou escrevessem, que faziam coisas que tocavam seu coração, e entendi, por fim,

que nos apaixonamos mesmo é pelas nossas primeiras memórias. Pelas reminiscências de lembranças das primeiras pessoas que nos fizeram sorrir.

[Ella] Você merece ser muito feliz.

[I.] É, eu mereço mesmo.

[Ella] Merece, você é muito bonzinho.

[I.] Mas as pessoas enjoam de gente boazinha.

[Ella] Só gente *fucked up* enjoa de gente boazinha.

[I.] Você enjoou de mim.

[Ella] Eu sou *fucked up*.

Sentado ao nosso lado estava o cara que usa um tapa olho e está sempre lá com a mulher e o filho, e eu pensava em quantas vezes a gente já dividiu a mesa com eles, enquanto ele me lembrava que justamente naquele dia, 10 anos antes, a gente se conhecia.

[Ella] Nosso namoro era geminiano.

[I.] E o que isso tem a ver?

[Ella] Nada, isso sou eu obcecada por astrologia e ao mesmo tempo tentando encontrar alguma coisa para colocar a culpa.

[I.] Ninguém tem culpa.

[Ella] Nem eu?

[I.] Talvez você tenha mais culpa do que eu, mas a verdade é que a gente era muito novo.

[Ella] Não importa o que aconteceu, o que importa é a gente estar aqui hoje. Significa que a gente deu certo. Não é?

[I.] Sim, significa.

[Ella] Você não vai me contar dela?

[I.] Você quer saber?

[Ella] Quero.

[I.] Ela vale à pena.

[Ella] Eu tenho certeza que vale, além de você ser superexigente, é a primeira vez que você fala de alguém assim depois de anos.

[I.] A gente foi para a serra esse fim de semana.

[Ella] Mas esse é exatamente o tipo de coisa que eu não quero saber.

[I] Você acabou de me falar que está completamente feliz.

[Ella] Eu estou, mas não é por causa disso que eu vou te falar como é o sexo.

[I.] Eu ia te falar sobre o hotel na serra.

[Ella] Quem viaja pra serra pra não trepar? Viajar pra serra é ficar fazendo sexo o dia inteiro, ou você quer me convencer de que foi lá pra ler? Aliás, esse é exatamente o tipo de coisa que você não me convence.

[I.] Você está certa. Você vai ao casamento do meu irmão?

[Ella] Faz diferença?

[I.] Para de ser chata, claro que faz, ele quer muito que você vá. Você vai?

[Ella] Eu quero ir, mas não sei se vou ter culhões.

[I.] Boa piada.

[Ella] Não é. É só porque eu fiz parte da sua família por anos, então vou querer ficar lá, com a sua mãe, seus tios, seus avós; e ao mesmo tempo você vai estar lá com ela e pode ficar uma situação chata pra mim, pra sua família e pra ela.

[I.] Ué, por quê?

[Ella] Por causa desse lance de disputa de atenção, pode ficar escroto.

[I.] Tá certa. Mas ele quer que você vá.

[Ella] Ainda bem que eu tenho, sei lá, cinco meses pra decidir, né?

[I.] Um dia você engasga com tanta ironia.

[Ella] Foi por isso que você se apaixonou por mim.

[I.] E foi por isso que eu me desapaixonei.

[Ella] Desapaixonou mesmo? Ah sim, a menina nova. Desculpa, parei, sério.

[I.] Mudando de assunto, você lembra que esse foi o primeiro lugar que a gente veio junto?

[Ella] Claro que lembro.

[I.] E você não acha engraçado a gente se encontrar no mesmo dia que a gente se conheceu, anos depois, para entregar coisas um do outro que ficaram nas nossas casas?

[Ella] Acho simbólico.

[I.] Porra, simbólico pra caralho. É como se a gente se encontrasse 10 anos depois de se conhecer, no mesmo lugar em que a gente se apaixonou, pra entregar o que ficou de um no outro.

[Ella] Física e espiritualmente.

[I.] Pode ser, mas é muito bizarro. Isso sim é um fechamento.

[Ella] É... é bastante esquisito mesmo.

[I.] Esquisito é o fato da gente ter marcado esse encontro sem lembrar do que aconteceu aqui anos atrás.

[Ella] Você acha que é assim que termina?

[I.] Só pode ser. Nada pode ser mais óbvio do que isso.

[Ella] Mas a gente estar aqui tanto tempo depois significa que a gente deu certo, né?

[I.] É...

[Ella] Mas isso não quer dizer que eu vou ter que pagar a sua conta, que nem daquela vez.

[I.] Deixa essa comigo... dessa vez eu pago.

[Ella] Quero te fazer uma pergunta.

[I.] O quê?

[Ella] Você acha que é possível a gente amar alguém pra sempre?

Eu acho que o amor se transforma. É isso o que eu acho. E você?

Oito horas da manhã. Não acordo sem sono, não acordo *at all*. Foi só um sonho estranho, mais um da série que me persegue há semanas, um sonho com você. Eu não te amo mais, e digo isso fazendo um café para me manter de pé enquanto escrevo essas palavras. Não te amo mais e não estou nem aí se seu irmão vai casar e se sua família me odeia, e que mesmo tendo namorado você dez anos ninguém faz questão que eu esteja lá. Não te amo mais, e digo isso pisando leve no chão do meu apartamento para que o novo amor que surge tímido espalhando as roupas na minha sala possa dormir no meu quarto, deixando um pouco de intimidade para essa nova história que surge. Não te amo mais, mesmo que eu ainda vasculhe as suas coisas todos os dias para ver você indo morar com uma garota que conhece a menos tempo do que duraram algumas das nossas conversas. Não te amo mais, e eu sei disso quando sonho que estamos juntos de novo e no sonho eu fico te explicando por que eu não sou boa pra você, mesmo que quando eu acorde fique procurando suas notícias no jornal, e as matérias que você escreveu e seus traços na minha casa apenas para doer mais um pouco, como quando eu era pequena e roía a unha até sangrar, só pra doer, só pra entender o que era a dor.

Eu não te amo mais, mesmo que agora eu amaldiçoe sua família por não gostar mais de mim, nosso passado, a merda do livro que você escreveu, seus quadros, sua genialidade de quinta, seu afeto de mendigo, seus olhos pequenos e sua cara de órfão.

Eu não te amo mais, e não te amo por me acordar às oito da manhã com raiva pelo terceiro sonho seguido, por você me invadir a casa de madrugada e se infiltrar nos únicos momentos em que eu consigo silêncio.

Então, por favor, trate de ir embora de vez dessa cidade. E leva embora tudo o que você ainda tiver deixado, porque essa casa ainda tem seu nome, meu corpo ainda tem seu cheiro e, mesmo que eu não te ame mais, sua presença ecoa de me enlouquecer.

E eu não acredito em fantasmas.

Você me machuca, da mesma maneira de sempre,
De uma maneira que você não conhece,
Da maneira que eu permito,
E deixo que você entre nos meus sonhos, mesmo tomando a pílula certa antes
de dormir.

Já aceitei que nos sonhos somos sempre nós três e um gato.
E fico feliz por ter um bicho de estimação, pelo menos enquanto durmo.
E nos sonhos você não me destrata; responde, é legal comigo,
E da última vez estávamos nadando em uma cidade submersa observando uma
baleia morta em perfeito estado, que estava lá, entre nós três.

Nosso amor é a baleia morta, intacta. Sabemos que não vive mais, mas é
enorme, ocupa cômodos, e vira e mexe entra na minha sala.

O que fazemos é rodear a baleia, encará-la e depois nadar por outros cantos,
sabendo que, naquela sala, ela continua lá.

Também havia uma mulher morta com os braços para fora, presa na porta.

Mas o que importava era olhar a baleia, e nós três ficávamos ali, na presença
daquela coisa enorme,

A entidade do que a gente foi.

E ela presente, como se precisasse testemunhar o que aquilo significava,

Enquanto nós não falávamos

Nada,

Apenas olhávamos o tamanho

De um amor que existe no fundo do mar,

Em formato de baleia que não vive,

Mas que o tempo deixou intacta.

Às vezes eu pego a máscara e desço

E encontro com ela lá embaixo,

Ela, a mulher morta (a mulher que um dia eu fui?)

A baleia e você.

Mesmo que às vezes eu queira ir sozinha

E escreva isso em um papel ao lado da minha mesa, debaixo de um copo de água como ensinou minha avó.

Eu sempre te encontro lá embaixo.

Eu sempre te encontro nos rastros.

Eu não aguento mais te encontrar.

Eu não posso mais.

AQUELE
QUE ME
PREN-
DEU NO
CASTE-
LO

E.

Ontem eu escrevi sobre uma mulher louca. Uma escritora, que só acordava de manhã para comer as enormes torradas que faziam para ela. Viver para comer não é muito diferente do meu lema de vida. Hoje é sábado. Acordei com o miado do gato, com você indo embora, com meus próprios medos. Digitei “*something beautiful*” em um *site* de busca no computador, mas não funcionou. Encontrei um bilhete seu no meu espelho dizendo: “Li seu texto. Você menciona loucura (de novo), um médico (de novo) e eu acho que na verdade isso é tudo projeção de um futuro que você acha que vai ter. Um beijo, E.”

Pego o bilhete e leio algumas vezes, tomo o remédio com um café ralo. Depois dele, meu café nunca mais foi o mesmo. Deito para ler o jornal, tento achar alguma coisa bonita de novo, e nada. Só leio o texto de um escritor que conseguiu sair do mundo de drogas e compulsão sexual e hoje vive uma vida feliz com uma pedagoga.

Sonhei com o médico. No sonho, estávamos em São Paulo para uma consulta de emergência. O consultório não tinha chave e do lado de fora duas secretárias vestidas com roupas dos anos 60 ligavam para confirmar horários.

Ele tinha um livro sobre a história da Bahia na mão, e olhava pra mim fixamente antes de se debruçar dizendo que não aguentava mais, que precisava... enfiei o pé no peito dele antes que terminasse a frase. Sabia que ele queria me beijar e imaginei que ele devia ser aquele tipo de homem que na primeira transa diz putarias no seu ouvido, quando você só quer ouvi-las mesmo dali a um tempo. Saio do consultório apressada, ele desce atrás. Fazia um calor insuportável em São Paulo. Na portaria meus tios me esperavam para me levar pra casa. Ele descia correndo e eu perguntava, mesmo sabendo que era um absurdo, se ele ainda podia me consultar, porque eu tinha questões terríveis. Ele disse que sim.

Ia embora por uma ensolarada São Paulo com uma faca enorme na mão. A faca que a gente usa para cozinhar, e com ela em punho entrava no carro com meus

tios e pensava no que fazer quando precisasse de uma próxima sessão.

Depois disso acordei, li o seu bilhete e fiquei imaginando o que ele diria sobre o meu subconsciente dessa vez.

Continuei procurando “*something beautiful*” em sites de busca na internet.

Não encontrei nada.

Eu sei que está aqui. Eu não sei como explicar, mas eu sei, eu já te disse, escrever é psicografar e antes de você me ligar eu já tinha decorado o e-mail que eu te mandaria dizendo todas as coisas que vieram entaladas no meu café com leite até o trabalho.

Mas você ligou. E o coração amoleceu, e eu esqueci todos os seus defeitos e os nossos problemas (porque seus defeitos são tão pequenos quanto os nossos problemas, mesmo que obviamente eles existam) e, por ter me quebrado ao meio e desconstruído meu discurso ao dizer para mim exatamente o que eu queria ouvir, eu não te escrevi.

Mentira.

Eu te escrevi uma mensagem para dizer que eu te amo e depois um e-mail agradecendo por nada e mandando umas besteirinhas como a gente sempre costuma fazer.

É que às vezes me esperar acordado é muito, mas também é pouco. E é triste esperar das pessoas o que você gostaria que elas simplesmente fizessem gratuitamente, por amor, por você e, sim, por que não?, por esforço.

Porque eu seguro a sua mão e vou aonde você for, ao boteco da esquina, ao aniversário do amigo, ao jantar do tio, ao trabalho, ao avião, à nossa cama, às ruas e aonde você quiser me levar. Aonde você quiser que eu vá.

E eu, mocinha do século XVIII disfarçada de garota moderna, só quero que de vez em quando você faça alguns programas que te entediam, mas que para mim significam um mundo.

E quando dou por mim, não brigamos, não te escrevo te odiando hoje, não chego ao tal lugar dando mais uma desculpa, não chego em casa muda, não viro de lado, não faço bico.

Com o tempo você liga, charmoso, risonho, feliz e galanteador apenas para me perguntar que horas são.

E eu volto para o trabalho sem conseguir sossegar porque não tinha escrito,
sem entender que as palavras de agora queriam era falar de amor.

E de cotidiano.

E do doce cotidiano que você me entrega todos os dias de manhã.

Meu amor.

Casa comigo?

Casa de verdade, me leva ao cartório, assina um papel, coloca uma aliança no meu dedo e diz pra todo mundo que a gente vai ficar juntos até ter *Tourette*?

Buenos Aires número um: a vida é doce como um *crème brûlée*, e o vinho potencializa todo tipo de amor. É preciso cuidado ao juntar os dois. Pergunte ao seu parceiro antes o quanto ele é capaz de suportar. A depender da resposta, peça outra garrafa.

Escrever é psicografar. Fecho os olhos por dois minutos e lembro todas as doçuras, os abraços em frente a um fogão quente, você cozinhando e me puxando com o outro braço, dizendo que queria se casar e ir morar comigo. Escrever é psicografar, então eu fecho os olhos e permito que todas as lembranças cheguem até as pontas dos meus dedos e comecem a documentar nossas histórias. Eu lembro de tudo, e sou capaz de sentir seus pés enroscados nos meus na madrugada fria do nosso quarto nessa cidade tão quente, *baby*. Eu vejo como um filme, e sigo a psicografia, documentando dias de panelas quebrando no chão, de cigarros escondidos na escada do prédio, enquanto você achava que eu tinha ido embora, e eu pensando que se um dia você se separasse e encontrasse um “novo amor da sua vida” em 15 dias, assim como eu fui o seu daquela vez, eu teria que mudar de país. Penso em todas as possibilidades e, por mais que você brigue, às vezes é bom pensar nesse tipo de coisa. O coração aperta e eu te sufoco com as duas mãos, de longe, te sacudindo e te implorando pra não me deixar. Ninguém entende, nem eu, a razão de ter mudado a minha vida de forma tão violenta. Foram as cartas e flores que nunca mais chegaram, mas se transformaram nas gentilezas de quem compartilha a casa e a vida, então você me faz um prato quente, pega meus livros do chão e prova que me ama mesmo quando, depois de me ver de todos os tipos e todos os dias, ainda diz que eu sou a mulher mais bonita daquele lugar. Escrever é psicografar e é só pensar em você que me aparecem um milhão de palavras, como se eu precisasse documentar todo o nosso amor para os filhos que nunca vamos ter.

Você ainda não entende meu humor negro e nem quando eu reclamo de saudade gratuitamente. Não se prende um peixe com as mãos, não tento te controlar, mas *pardonne moi, mon amour*, quando eu bebo um pouco a mais e te vejo conversando com uma mocinha que eu nunca vi, o sangue sobe, e eu me afasto.

Eu nunca saberia dizer por que eu te amo. Meu amor por você virou instituição, se alojou dentro de mim e decidiu que nunca mais vai embora.

Às vezes eu só queria aprender a ficar mais sozinha, porque o que eu sinto é demais até pra mim, e quem diz que não se morre de amor é porque nunca conheceu você.

E pedir perdão para o amor da sua vida, aquele que você escolheu para estar ao seu lado para sempre, pelas vezes, tantas vezes, em que você se sentiu extremamente perturbada. E depois tomar um chá, respirar três vezes, e pedir perdão para você mesma.

Depois, descanse.

E tentar não começar a sentir de novo.

Dia sim, dia não, ele me confunde.

Às vezes me chama pelo nome, às vezes me chama de irmã, às vezes diz que eu sou uma amiga, diariamente uma boa namorada e, dependendo do humor, diz que eu sou sua mulher.

Eu gosto.

Fica chateado com a minha confusão, mas eu vou até onde ele vai.

Se é meu irmão, deito no seu ombro; se é meu amigo, conto meus desejos secretos, indago sobre fidelidade, ele fica puto e diz que eu sou sua namorada. Concordo. Quando digo que sou sua mulher, às vezes ele gosta, abre um sorriso. E se com a minha falta de jeito eu o tiro do sério, ele me tira do posto, e eu nem sei mais quem eu sou.

O amor é esquizofrênico. Ou é ele mesmo que ainda não se decidiu.

Enquanto isso eu crio um pseudônimo. Mando e-mails secretos, namoro outros, mas volto sempre pra casa, e atendo como ele me chamar. Desde que se deite comigo. E que saiba meu nome todos os dias.

Todo amor é frágil. Nunca o subestime.

Ele diz que eu escrevo bonito
Quando na verdade é ele que me emociona
Sem querer saber
Quanto antes já
Dormiram na minha cama
E morderam a minha nuca.

Ele lê o que eu escrevo
Com a humildade dos que esperam
Grandes amores que talvez nunca cheguem
E não julga
Todas as palavras fortes
Ou cenas
Fielmente descritas
De todos os outros que já me viram por dentro
E por fora.

Ele diz que eu sou donzela
Mesmo que veja meus pés sujos de terra
Deixando marcas pela casa
Com descuido dos que não olham por onde andam
E por isso derrubam vasos e vidros
E quebram, entre outras coisas
Corações alheios.

Ele diz milhares de coisas bonitas antes de dormir
Ele me abraça forte quando eu esperneio
E reconhece quando eu boto um glacê a mais
Nas minhas fábulas diárias e urbanas

Ele compra o pacote completo
Ele bagunça meu quarto
Meu peito
Minha vida
E me virando os olhos
Acaba não percebendo
Que o que ele fez por mim
Não tem mais saída.

É preciso criar com urgência uma nova palavra que diga o que eu sinto toda
vez que ele me olha nos olhos
Não existe nada para isso
Amor é meu braço arrepiado
Toda vez que ele chega perto
O resto
Ainda não inventaram.
Você pergunta por que eu escrevo tantas palavras iguais
e
Eu me pergunto como é possível te amar ainda mais todos os dias
e
Quando eu vejo 19h no relógio
Eu
Penso que eu só queria um lugar nosso
(só nosso)
Para, quando chegasse esse horário
Eu pudesse te perguntar
Apenas
O que você quer para jantar
E te digo que
Na verdade, as minhas palavras mais bonitas são as que estão guardadas
Para serem ditas todos os dias.

E é por isso que eu falo tanto de amor
Eu falo de amor pra você.

Não falo nada, só fico passando a boca pelos pelos que terminam no seu cabelo e começam na sua nuca, para sentir seu cheiro impregnado de dia, impregnado de mim. Rezando em silêncio para que, quando eu chegar no dia seguinte, você continue atrás da porta, e ainda ache graça nas minhas inúmeras cartas de amor. Cartas que não chegam nunca, mas que eu recito toda noite ao pé do seu ouvido, esperando um direito de resposta enquanto você dorme, tentando entrar nos seus sonhos, deitada de frente para você, porque, no dia seguinte, são seus olhos grudados que me dão bom dia. Os olhos que à noite me fazem dormir.

Faz frio, amor
Hoje o despertador tocou, eu não ouvi
Achei que você tivesse desligado em silêncio, mas logo depois acordou
Espreguiçou os braços e me empurrou da cama
Enquanto eu dormia pelos corredores
Me arrastando pelos corredores
Até ver a última parte de você coberta
Meu pacote azul de todas as manhãs
Tirei o pijama questionando se não poderia vir trabalhar assim
Me enrosquei nua de novo
Você sussurrou no meu ouvido
Me convenceu a ir, para não perder o trabalho
Porque minutos depois a manhã estaria perdida (vencida)
Para sempre.

Te mostro meu figurino pacote e minhas bochechas rosas de frio
Te dou um último beijo, desmarco tudo para voltar mais cedo
Chego à padaria e, enquanto eu pago, já me espera o pão na chapa com café
com leite
E eu me sentindo tão previsível
Meu cheiro de manteiga com perfume todas as manhãs
A última marca do lençol sobre a pele
A visão de você enrolado em um cobertor azul
Me olhando enquanto eu passo
Dizendo que me ama
Mas que eu não atrase
Pois existe a vida lá fora
Enquanto para mim, a vida toda cabe nesse pijama

E no vão que sobra entre as minhas costas e o seu peito.

Eu sei do enorme pacote que você carrega todos os dias porque eu sei o tamanho do pacote que eu sou, do quanto dói às vezes me segurar, e o quanto me dói mais ainda te ver me carregando.

Eu sei que você sente as mesmas faltas de ar, o coração moído, os questionamentos — e que quando grita de volta, na sua experiência de alguns anos a mais, somada à sua sabedoria de mestre hindu (não tão zen assim), é porque quer amenizar o que você sabe que vai passar logo depois.

E eu aqui, alguns anos a menos, culpa judaica milenar, desligo o telefone, uma hora de interurbano, porque só sossego depois de te ouvir dizer que eu fique calma, e quando me aquieto vem a culpa me fazendo olhar para os lados e lavar os lábios com sabão toda vez que eu ousar reclamar da vida.

Porque nas quartas você volta, e me espera em casa com fogão e coração quente, e me abraça com o corpo inteiro, e, quando a gente deita lado a lado e eu pousar minha cabeça sobre o seu peito, eu te digo, como ainda vou te dizer milhares de vezes, que eu nasci para dormir ali. Que a minha real vocação é essa. Eu nasci para ser sua mulher.

Então desculpe a mim e meus anos a menos, minha ansiedade de ganhar mais e te preocupar o mínimo, minha vontade de que o mundo aconteça agora e que só o nosso amor corra lento, cozinhando a vida em seu ritmo próprio. Me desculpa quando eu te ligo no meio do dia, trancada no banheiro do trabalho para te confidenciar uma coisa ou outra ou só para ouvir sua voz. Desculpa os meus monólogos e reclamações sem fim, que só cessam quando você me faz te ouvir e entender que o tempo coloca as coisas no lugar.

Desculpa por depender tanto da sua calma e da sua sabedoria ancestral, do seu peito, da sua comida, do seu cheiro, do seu corpo, dos seus braços, do seu amor.

E obrigada, por segurar o pacote já há algum tempo, e me dizer uma hora depois, mesmo que por telefone, que o pacote é grande, mas é bom, e que a

vida não existe sem mim.

Porque a vida não existe sem você. E se existe, eu não quero saber mais como é.

Da liberdade de se amar uma pessoa só, de se querer uma pessoa só, de se olhar uma pessoa só, de se tornar uma pessoa só. Absolutamente nada é mais libertador do que o amor.

{ Ella }



Depois do primeiro beijo, do primeiro frio na barriga, da primeira noite, da primeira vez que a noite se estende até o dia, você quer entender ainda mais. E começa a fase do *name dropping*, de querer mostrar seu mundo, o quanto você pode ser interessante, divertido, gente boa. Olha só meus amigos como são legais, talentosos, queridos, brilhantes. Olha minha casa, minha vida, meus livros. Eu quero saber o que você ouve, quero te mostrar esta banda aqui, qual é seu filme preferido?

E tanto faz se o mundo não é o mesmo. Será que no espaço entre eu e você nesta cama a gente consegue achar alguma coisa em comum?

A madrugada se estende, o riso faz eco no quarto, o sussurro, o grito abafado.

Você não sabe ainda o que é, nem quer saber. Porque na verdade tem um *feeling* daqueles que se adquire com o tempo, que mesmo que os dois corpos façam tanto sentido juntos, talvez não pertençam ao mesmo lugar.

Não, não nascemos um para o outro e daqui a uns dias a gente talvez nem se fale mais. Mas mesmo assim você curte a melancoliazinha e a pseudo saudade que aparece nos últimos segundos antes de dormir.

É quase confortável sentir isso. Porque você sabe que vai passar só pra daqui a pouco você começar a sentir tudo de novo, com outro corpo, outro cara, outra casa, e isso vai enchendo a sua vida de experiência, paixõezinhas, pessoas, novas músicas, novos amigos alheios, novas frases para impressionar.

Mas ainda assim, no meio desse eterno retorno, o que importa é lembrar que tudo isso só faz sentido quando você está aqui, sentada no sofá antigo da sua nova casa, ouvindo “Pale Blue Eyes” pela quarta vez, do jeito que você gosta, tendo a noção exata de que, depois de ter exterminado os seus próprios fantasmas, você não precisa lidar com os de mais ninguém.

É pra ser leve. Então seja.



<< AGRADECIMENTOS >>

Para Alice Galeffi e Luiza Sposito. Por terem me permitido contar esta história, por terem sido mais que parceiras, por terem dado uma casa para as minhas palavras, por terem amado tanto junto comigo. Todo meu amor e gratidão.

Para Paulo Scott, o primeiro leitor, pelas opiniões preciosas, pelo tempo, pela troca, pela amizade.

Para Emmanuelle Moutinho, Julia Faria, Bianca Comparato, Fernanda Sposito, Luciana Paes, Vitória Frate, Patricia Thompson e Raquel Alvarez, pela generosidade de compartilhar comigo suas histórias de amor, por terem me permitido vivê-las junto.

Para Laura, Letícia e Catarina, pelo amor que me dão todos os dias.

Para todos aqueles que também acham que nada pode ser mais subversivo e libertador do que o amor.

Obrigada.

>> }} * {{ <<